

11  
DISCURSO  
APOLOGETICO

EM DEFENSA

DO THEATRO  
HESPANHOL,

ESCRITO

PELO MARQUEZ DE VALENCIA

D. FRANCISCO  
DE PORTUGAL.



LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES, Impressor  
do Eminent. Senh. Card. Patriarca.

---

M. DCC. XXXIX.

*Com todas as licenças necessarias.*





# L I C E N C I A S.

## DO SANTO OFFICIO.

EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

**P** Or ordem de V. Eminencia vi o papel incluso, que começa: *Por mais que se justifique o exercicio da accusação &c.* e não acho nelle cousa alguma contra a fé, e bons costumes. V. Eminencia mandará o que for servido. Convento de S. Domingos de Lisboa Occidental 11. de Agosto de 1739.

*Fr. Bernardo do Desterro.*

**V** Ista a informação, póde-se imprimir o papel, que se apresenta, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 11. de Agosto de 1739.

*Fr. R. de Lancaastro. Soares. Abreu.*

## DO ORDINARIO.

**P** O'de-se imprimir o papel, de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 12. de Agosto de 1739.

*Gouvea.*

## D O P A C, O.

## S E N H O R.

**H** E V. Magestade servido, que eu veja o *Discurso Apologetico em defesa do Theatro Hespanhol*, que compoz D. Francisco de Portugal Marquez de

Valença. Tudo, Senhor, tenho dito neste nome, quanto se póde dizer de discreto, de eloquente, e de cortezaõ. Em todos os seus discursos he sempre elegante o Marquez de Valença; mas nesta Apologia largando todas as vélas da eloquencia navega seguro por mares de duvidas, sem temer as oppoziçoens, porque todas despreza o seu agudissimo entendimento. Perdoeme V. Magestade o seguir huma metafora, sem reparar, que me faço reo da indignaçãõ, e da censura dos Criticos, que as reprovãõ; porém pouco importa, porque para usar dellas tenho exemplos nos melhores Authores, ou seja em prosa, ou seja em verso, como erudita, e abundantemente mostra o Author deste Discurso.

Para defender o credito da naçaõ sempre está prompto o Marquez de Valença, porque he senhor de huma Casa, e neto de huns avós, que nada estimaraõ tanto; como a gloria da pátria, como se vio nas infelices consequencias da infelicissima batalha de Alcacer, em que hum senhor da sua Casa antes quiz padecer hum voluntario desterro, até fiel, e valerosamente se expor á morte, do que beijar a maõ a hum Principe, de cuja justiça para o throno Portuguez elle duvidava.

Como a enfermidade do mundo he a das nóvidades, (sómente uteis no campo) e estas communmente são partos de entendimentos, que fundaõ a sua estimaçãõ na singularidade das opinioens, começou a ser insultada a nobilissima penna de Calderon, que foy respeitado pelo mayor Comico de Hespanha, se o não he de todo o mundo. Como duvidar da sua discriçaõ impossibilitava os Censores para Juizes, tomaraõ o caminho de descubrir neste Sol do Theatro alguns átomos, que por falta de agudeza não achãõ nos que defendem, porque são infulsos, e destituídos de hum certo sal,  
que

34  
que a providencia da natureza não repartio igualmente por todas as naçoens. Todas as naçoens tem o seu caracter particular, humas são leves, e inconstantes, outras maliciosas, e politicas: humas soberbas, e atrevidas, outras sérias, e graves, e algumas vagarosas, e descançadas, e aos genios correspondem as obras. Parte desta differença vemos nos pobres, porque os Francezes pedem cantando, os Castelhanos blasonando, e os Portuguezes chorando. Lá terá cada huma a sua razão para assim o fazer; mas parece, que nenhuma o faz com mayor propriedade, do que a Portugueza, porque quem pede, não tem, e quem não tem, representa a sua miseria com o sentimento das vozes para commover para o seu remedio a compaixão dos que os ouvem.

Cada nação tem o theatro a seu modo, e cada huma procura defender os seus usos, porque nem quer imitar, nem seguir. Os Castelhanos tambem sempre conservarão o seu estilo de compor com mais, ou menos discrição, conforme a de que era dotado o Author. Não tem esta constancia nem os Francezes, nem os Italianos. Os Francezes nem sempre são da mesma opinião, porque em huns tempos são amigos do estilo sublime; como se vê nos sermoens de Flechier, e na historia, ou Tacito Francez de Ceresiers, em que se lem pensamentos agudissimos; e Moliere ou esquecido, ou enfadado da melancolia Comica da sua nação tem tanta graça em algumas das suas obras, como Roxas, e Moreto. A estes tempos succedem outros, e não querem mais, do que huma narração singela, como a de huma gazeta.

Os Italianos seguem hoje o mesmo rumo, porque renovando Poëmas, e Authores antigos, não fazem caso de Torquato Tasso, nem das profundissimas agudezas do P. Juglaris nos seus Elogios, especialmente

sup  
nos

nos da vida de Christo, affirmando, que são méras puerilidades, porque aquelle estylo não foy conhecido dos Romanos. Se esta razão fora merecedora de ser ouvida, não se navegaria hoje como se navega, porque elles o não fouberaõ, nem se expugnariaõ as praças com os instrumentos militares, com que hoje se expugnaõ, porque delles não tiveraõ noticia; nem se creiaõ os Evangelhos, porque os não havia no tempo de Cicero.

Eu, Senhor, atégora entendia, que só o corpo padecia enfermidades; agora vejo, que tambem as padecer o entendimento, não pelo principio das molestias, que he a desordem do que devia de estar em equilibrio, mas por paixãõ, e odio da grandeza do perseguido. Se houve quem apedrejou ao Sol, que muito he, que se apedreje Calderon, que não era Principe, senão hum Capellaõ dos Reys Novos de Toledo? Se ha quem diga, que o Padre Antonio Vieira não foy atar huma oraçaõ, (para assim se dizer, basta, que não merecesse em França a mesma estimaçaõ, que em outros Reynos.) que maravilha he, que se diga mal de Calderon, que em nada lhe foy inferior? A huys tudo o presente lhes aborrece, a outros só lhes parece bem o que já passou, como dos velhos dizia Horacio: *Laudator temporis acti.*

Muitos estão lendo a Calderon, mas a enfermidade do entendimento apaixonado lhes faz desagradavel o que estão lendo. São como os enfermos, que destituidos de sangue não achão calor no Sol ao mesmo tempo, que os saõs o não podem soffrer por activo. Que bebida nos póde representar o nectar, e a ambrosia dos Deoses, senão o chocolate? E com tudo contra elle nos armaraõ os Turcos com o café, e os Chinas com o thé, pretendendolhe descompor, e arruinar o throno da suavidade com o pretextõ de medicinaes. He verdade, que

que parecem mais uteis, porque feita economicamente a conta, são mais rendosos os fructos destas plantas, que sem duvida foram transplantadas dos suburbios do inferno, huma pelo insipido, outra pelo aspero. Calderon foy, e he o manná dos entendimentos livres, e não preocupados; a tudo sabe, e não haverá gosto, por extravagante que seja, que não ache nelle a iguaria proporcionada para o seu appetite. Quem não gosta da sua descripção, não he menos declarado inimigo delle, que de si; e quando absolutamente só lhes agradem outras composições Comicas, ha muitos annos, q̄ satisfez a isto o nosso grande Francisco de Sá de Miranda:

*Comes tuberas da terra,*

*Eu não as posso comer,*

*Come o que te bem souber.*

Todos querem ser juizes do que não professaram, e bafalhes achar hum Author, que escreveo com espirito de contradicção, para o jurarem por mestre, e examinado muitas vezes o seu parecer, mais he paixão, do que justiça. Ao nosso insigne Luiz de Camoens (com cuja verificação ninguem se compara, ainda que os escrupulosos lhe fação alguns reparos nas partes integrantes do Poema, que, como elles o querem, mais he chimerico, que possivel) foy censurado de escuro pelo P. Rapin, injustiça, que ninguem lhe approvará, porque bem mostrou, que não sabia a lingua Portugueza, porque Camoens nada tem de escuro, muito de erudito. Mas entre os grandes danos, que fez ao publico a morte do Padre Antonio dos Reys da Congregação do Oratorio, que pelas suas virtudes, e letras será sempre hum alto motivo da nossa saudade, tinha meditado huma invétiva tão bem fundada contra a soberba do P. Rapin, que o não havia poder defender della toda a idolatria dos seus sequazes. Melhor o entendeu Monsieur

fieur Dupèrron Casterá na fidelissima traducção, que fez na lingua Franceza, em que louvou a Camoens com expreſſoens dignas do ſeu merecimento; e para ſe ver, que não achou eſte divino eſpirito na ſua patria a eſtimação, que achou na eſtranha, fallando no juizo, que do Poema Epico fez Monsieur Voltaire (que para ter o reſpeito de Oraculo baſtalhe eſcrever em Francez) lhe convence de falſos os reparos criticos ſobre a Luſiada de Camoens.

Digaõ eſtes Criticos o que quizerem: condeneem o Theatro Heſpanhol; que de todos eſſes delictos, de que o accuſaõ, laõ reos os mageſtoſos Virgilios, os ſua- ves Ovidios, e os elevados Claudianos, e outros muitos, cujas obras a pezar da ſua censura ſempre haõ de ſer boas, excellentes, e admiraveis, porque eſſencialmente o faõ. E V. Mageſtade deve de conceder ao Marquez de Valença a permiſſaõ, que pede para imprimir eſta Apologia, porque he digna de que todo o mundo a veja pela ſua erudição, e pelo ſeu zelo. Voſſa Mageſtade mandará o que for ſervido. Lisboa Occidental neſta Casa de noſſa Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares 21. de Agoſto de 1739.

*D. Joſeph Barboſa. C. R.*

**Q**ue ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do ſanto Officio, e Ordinario; e depois de impreſſo tornar á Meſa para ſe conferir, e taixar, e ſem iſſo não correrá. Lisboa Occidental 12. de Setembro de 1739.

*Pereira. Teixeira. Coelho. Coſta.*

DISCURSO





DISCURSO  
 APOLOGETICO  
 EM DEFENSA  
 DO THEATRO HESPANHOL.



Or mais que se justifique o exercicio da accusação com a sentença de Quintiliano, que a falta de castigo he como huma permissão dos delictos: que esta permissão, que se dá aos maos, he certamente contra os bons: e que o Orador, que accusa, não tem desejo do castigo dos delinquentes, senão da emenda dos seus vicios; e por mais que se ennobreça, e illustre com os muitos exemplos das famosas pessoas, que a praticarão no Senado Romano com grande louvor do seu zelo, pois he certo, que as leys não conservariaõ a authoridade, se não fossem defendidas com a voz destes Oradores: com tudo seguirey antes o conselho, que dá Cicero no trat. de Officiis; que he a escola destinada para cada hum aprender a sua obrigação, de que he melhor defender, que accusar. Quanto mais, que diz o mesmo Quintiliano, que he tanto mayor a facilidade

A

de

de de accusar, que de defender, quanto he mayor a de dar, que a de curar as feridas; mas se parecer a alguém mayor nobreza dar as feridas, que curallas, tambem lhe deve parecer melhor acção applicar o remedio, que dar o golpe. Alexandre não he mais celebrado na memoria dos homens por abrir muitas feridas com o ferro, que por atar huma só com o diadema; pelo que se-  
rey defensor do Theatro Hespanhol, sem ser accusador do Theatro Francez, pois assim repararey piedosamente a honra da minha nação, sem destruir o credito da estrangeira. E se no meu Contendor o amor da verdade foy o louvavel motivo da sua disputa, em mim he o amor da nação a unica razão desta defenfa. Ambos estes generosos affectos mereceraõ as mayores victimas, e sacrificios em todas asidades. Reconheço, que o nome do meu Contendor se faz muy temido pelo costume de vencer, mas igualmente se faz amado pela clemencia, e compaixão, de que sabe usar na victoria.

E deixando, se competia mais o nome de Tragedia a esta Comedia de affectos de odio, e amor, pois nella se trata de guerras, e batalhas procedidas de razoens de estado, e de interesses publicos, e fazem o seu papel neste Theatro Principes, e Generaes, e não encontra as leys da mesma tragedia, que o catastrophe seja feliz alguma vez, como succedeo com as vodas destas personagens, digo, que o fim, e objecto da Comedia, da Tragedia, e do Poema heroico he instruir, e deleitar, e que a estas duas obrigaçoens de Poeta satisfez inteiramente Calderon; porque attendeo a domar o orgulho, e a suavizar a dureza dos homens, e por meynos tão agradaveis, como os da sua eloquencia, e artificio, mostrando a varia fortuna das mesmas testas

coroadas , e excitando com o perpetuo gyro da sua roda a piedade , e cõmiseraçã dos expectadores ; pois se vê Adolfo morto no primeiro encontro da batalha , e morto aos pés de sua filha Cristera , e com as armas do mesmo amante desta Princeza : Auristela feita prisioneira pela industria de seu irmão em obsequio da sua mayor inimiga , e Cristera dando a mão de esposa a Casimiro , de cuja morte havia sido preço a sua mesma Coroa.

E aqui temos nas differentes paixoens destas varias figuras a verdadeira execuçaõ das leys da Tragedia , conforme o que diz Quintiliano , que os Poetas tragicos tem para si , que desempenhaõ as suas obrigaçoens quando começaõ a irarse , a favorecer , a aborrecer , e a compadecerse : a ira se vê em Cristera contra Casimiro pela morte de seu pay : o favor se vê em Auristela , e em Casimiro , aquella querendo aliviar a hum irmão triste , e desesperado , este procurando servir a sua inimiga contra a amorosa circulaçaõ do proprio sangue : o aborrecimento em todos os que militavaõ debaixo de diversas bandeiras : a misericordia em Cristera por meyo daquellas palavras , com que excedeo no amor ao odio , que havia mostrado a Casimiro.

Naõ sey , que possa haver materia , que interesse , e arrebate mais as attençoens do auditorio , que ver Adolfo morto no primeiro encontro da batalha , para que nem se compozesse o seu epitafio da gloria de mayores combates , e morto aos pés de sua filha , para que naõ sendo vingador de quem o offendia , fosse homicida de quem o adorava , e pelo mesmo amante de Cristera Casimiro , para que quando elle era pio no serviço da patria , fosse sacrilego na offensa do seu mayor

4 DISCURSO  
idolo : Auristela feita prizioneira por seu mesmo ir-  
maõ em obsequio de quem aborrecia a ambos com  
odio taõ atroz, que escurecia a piedade, que foy occa-  
siaõ delle : Cristera queixosa concorrendo para as  
fortunas de hum ingrato pelos impulsos do sangue:  
Auristela aggravada, e arrogante, premiando o mereci-  
mento do valor pelos attributos da magestade, pois  
pode com ella mais o sceptro, que empunhava, que  
a espada, que esgrimia.

E porque me podem dizer, que assim como o Poe-  
ma he composto pelos modelos de Homero, e Virgi-  
lio, assim a Tragedia deve ser formada pelos exempla-  
res de Euripides, e de Sofocles, e que estes dous Poe-  
tas naõ introduziraõ nos seus Poemas dramaticos mais,  
que as duas paixoens, o orgulho, e a dureza, e os dous  
remedios dellas, a modestia, e a compaixãõ, o que naõ  
costuma apparecer no Theatro Hespanhol, pois tudo  
he amor, e ciume, e todas as acçoens, e aventuras dos  
interlocutores encaminhadas a estes affectos. Respon-  
derey, que esta novidade foy inventada com muita dif-  
criçaõ, e com igual respeito a toda a casta de Poemas,  
supposto, que o fim, e objecto delles he instruir, e de-  
leitar; pois esta foy a mesma razãõ nos Gregos, por-  
que idearaõ as suas Tragedias com a ruina, e abati-  
mento dos Principes, por ser huma naçaõ, que abo-  
minava a Monarchia, e que havia feito a ley do Ostra-  
cismo contra a vantagem de qualquer Cidadãõ; e como  
este era o genio, e gosto dos Gregos, por isso foy gran-  
de acerto nos Authores das Tragedias occupar o seu  
Theatro de Monarcas humilhados, e infelices; e fen-  
do tanto pelo contrario a natureza, e empenho dos  
Hespanhoes, que preferem a todos os governos o Mo-  
narchico, e se naõ contentaõ com a obediencia despida  
da

da escravidão aos seus Soberanos, que tem por injúria propria o que he menos decóro, e fidelidade dos Principes, e Magnates; como se poderia conseguir o delectavel, unica industria, e meyo unico das instrucções da Tragedia? O mesmo entenderão os Francezes, e por isso executarão o mesmo que os Hespanhoes, como se colhe destas palavras do Padre Rapen: *Nous sommes plus humains: la galanterie est da vantage selon nos moeurs, & nos Poetes ont crú ne pouvoir plaire sur le theatre, que par des sentimens doux & tendres: en quoi ils ont peut-être eu quelque sorte de raison. Car en effet les passions qu'on represente deviennent fades & de nul gout, si elles ne sont fondees sur des sentimens conformes a ceux du spectateur.* Quanto mais que aos Poetas se dão as mayores licenças, e liberdades para innovar humas regras, e antiquar outras segundo o dictame dos mesmos Francezes nesta materia, que a razão deve prevalecer aos exemplos; e ainda que he util seguir as cousas bem inventadas, e mostra juizo prudente querer executar aquillo, que se approva, com tudo a imitação não basta per si só, como adverte Quintiliano, por ser de engenho pouco altivo contentar-se com aquellas cousas, que foraõ investigadas pelos outros: e continúa elle convidando, e animando para a empreza de alguma novidade, que havia de ser daquelles seculos, os quaes careceraõ de exemplos, se os homens entendessem, que nada se havia de fazer, ou meditar, senão o que já tivessem conhecido: certamente nada se teria inventado, se todos se atassem ás leys da imitação, sendo final de pequeno espirito querer antes observallas, que instituillas, e escolher antes ir no ultimo lugar, que no primeiro. Com que fica demonstrado, que andaraõ judiciosamente os Hespa-

pa-

panhoes, e os Francezes de se apartarem nesta parte da imitação dos Poetas antigos, porque veriaõ os modernos desertos os theatros da Tragedia, se reinassem nelles unicamente as duas paixoens, que reinavaõ no theatro dos Gregos, e tendo elles o trabalho, que trazem consigo as difficuldades, naõ tirariaõ dellas a gloria, que se lhes deve, depois de as haverem facilitado, porque sempre seria a mais feliz imitação como a sombra a respeito do corpo, como a imagem a respeito do rosto, e como o gesto em comparação dos affectos.

Segue-se agora defender os Hespanhoes de hum dos seus mayores defeitos, que lhe imputaõ os Criticos, que he a metafora, e nesta Apologia vaõ muy particularmente defendidos estes versos de Calderon:

..... *Con dos preguntas de fuego*

*Habló el plomo en dos respuestas:*

*Fue más dichosa la mia,*

*Pues repitió el eco della:*

*Ay de mi! .....*

Confesso, que estive para os defender só com o uso dos Oradores, e Historiadores, mas naõ quiz, que parecesse mais exercitar o meu engenho, do que provar a sua innocencia. A translação, ou metafora, como dizem os Gregos; he taõ natural em todos os homens, que até os mesmos rusticos sem conhecimento desta figura se explicaõ por meyo della em cousas familiares, sendo taõ agradavel, e brilhante, que entre a elegancia da oração resplandece com as suas luzes, accrescenta a copia do discurso ou mudando, ou pedindo o que lhe falta. Esta licença naõ he só concedida aos Poetas, nem só aos Oradores como mais confinantes, e vizinhos, mas até aos Historiadores, que vivem debai-

xo. de bem differente clima; o que testemunhaõ estas palavras de Cesar, e de Tito Livio para dizer hum, que o inverno tinha passado: *Hyems præcipitaverat*, e outro, que Cataõ costumava criminar a Scipiaõ pela sua inveja: *Scipionem à Catone adlatrari solitum refert*. E desprezando por mais vulgares as explicaçoens metaforicas de Nereo pelo mar, de Vulcano pelo fogo, de Marte pela guerra, de Venus pelo amor, de Ceres pelo paõ, de Jupiter pelo ar, de Minerva pelas sciencias, do tecto pela casa, da quilha, popa, pinheiro, e vigas unidas entre si pela nao, da ponta pela espada, do elefante pelo marfim, das azas pelas velas, digo, affirmo, e protesto, que entre todos os Poetas Hespanhoes Epicos, e Lyricos senaõ acharaõ atrevimentos de metafora, como as de Virgilio:

*Vulcano superante domus : jam proximus ardet*

*Ucalegon.....*

para explicar, que o incendio hia ateando as suas lavaredas na casa deste Troyano.

*Aspice, aratra jugo referunt suspensa juvenci,*  
para dizer, que vinha anoitecendo, pois aquelles animaes traziaõ pendentés do seu jugo os instrumentos da lavoura.

*Et jam tempus equum spumantia solvere colla,*  
para persuadir, que era tempo de descançar o seu engenho, que havia corrido á maneira de hum cavallo por huma larga campanha, e que se lhe devia tirar como banhado em fuor a sella, e os mais arreyos. Mas porque me naõ respondeã, que os Poetas Heroicos tem essa campanha mais livre, por onde corra o seu furor, digo, que estes ultimos exemplos saõ das Eclogas, e Georgicas, cujos assumptos por humildes, e pastoris

pa-

parece, que não pediaõ tantas figuras; e se ainda elles não bastaõ, considerem bem nesta metafora, ou allegoria de hum Lyrico, como foy Horacio, quando aconselha a Bruto, que desista da guerra, que elle, e Cassio haviaõ feito a Augusto, e Marco Antonio, na qual se matou a si Cassio pelo accidente de perder a batalha; e para dar este conselho, e referir este successo toma a nao pela republica, as ondas furiosas pela guerra civil, o porto pela paz, os lados sem remos pelas fileiras sem soldados, ao masto quebrado com a força do vento chama ferido, e ao estrondo das antenas chama gemido, ás naos quilhas, ao mar planicie, e ás velas pannos de linho:

*O navis, referent in mare te novi*

*Fluctus, o quid agis? Fortiter occupa*

*Portum, nonne vides, ut*

*Nudum remigio latus,*

*Et malus celeri saucius Africo,*

*Antennæque gemant? Ac sine funibus*

*Vix durare carinæ*

*Possent imperiosius*

*Æquor? Non tibi sunt integra lintea;*

Mas muito mayor ousadia contém em si esta expressaõ poetica, pois em virtude da profopopeya dá vida ao que he inanimado:

*Pontem indignatus Araxes;*

porque Xerxes Rey dos Persas queria por meyo de huma ponte passar este rio da Armenia. Picado do mesmo estro, que he a tarantola dos Poetas, disse Virgilio na segunda Georgica, calumniando a cubiça dos que seguem as Cortes:

*Hic petit excidiis urbem, miserosque penates,*

*Ut gemma bibat, & sarrano dormiat ostro,*

mos-



mostrando, que havia quem faqueasse huma Cidade só para beber na pedra preciosa, que assim chama á taça guarnecida de pedraria, e só para dormir na purpura, que assim explica a cama com paramento desta côr. Obrigado do mesmo extasi poetico disse no mesmo livro da Eneida, representando a Eneas entre suspiros, e lagrimas por ver já em Carthago historiada a tragedia da sua nação:

*Quæ regio in terris nostri non plena laboris?*

*Multa gemens, largoque humectat flumine vultum,* chamando rio ás lagrimas, com que humedecia o rosto. Tambem com semelhante raptó disse na primeira Georgica, descrevendo os agouros, que precederaõ á morte de Julio Cesar:

*Et mæstum illacrymat templis ebur, æraque sudant,* significando pelo marfim, e pelo bronze as estatuas fabricadas de huma, e outra materia, que choraraõ, e suaraõ naquelle tempo, e naquelles templos. Adelgacem pois a tinta, e abrandem a penna os Criticos, que escrevem a sentença contra Virgilio, e seus imitadores, ouvindo as mesmas figuras da boca de Marco Tullio: *Equidem cæteras tempestates, & procellas in illis dumtaxat fluctibus concionum semper Miloni putavi esse subeundas;* pois diz elle, que sempre imaginou, que Milaõ havia de padecer as tempestades, e tormentas naquellas ondas dos congressos populares. E ainda com mais atrevimento, ou com mais artificio o mesmo Orador: *Quid enim tuus ille, Tubero, districtus in acie pharsalica gladius agebat? Cujus latus ille mucro petebat? Qui sensus erat armorum tuorum?* De tres profopopeyas usou Cicero, e de hum sinedoche nestas poucas palavras, perguntando á espada daquelle Romano, que fazia no esquadraõ

Farfalico , para que lado acometia a sua ponta , que intento era o das suas armas ? E se estas licenças tomãõ os Oradores só pela vizinhança , que tem com os Poetas ; quando os ares influem estes espiritos nos que os respiraõ de mais longe , que será nos que os bebem de mais perto ? E se as aguas de Aganippe ou conduzi- das pelos canaes , ou transportadas nos vasos da Orato- ria geraõ tanto sangue , e vigor , que succederá a quem as tomar na mesma fonte sem vicio da sua pu- reza ?

Com tudo quero satisfazer a hum escrupulo , que me está impedindo naõ só correr , mas caminhar para a defenfa de outra culpa mal arguida aos Poetas. Hef- panhoens ; que estas metaforas , ainda que animofas , saõ repetidas menos vezes por Virgilio , porque hum Poema tem outra extensaõ , que naõ tem huma Come- dia, e esta como a Tragedia nenhum parentesco , ou muy remoto com o Poema. Aristoteles julgou isto differentemente, dizendo , que o genero da Poesia He- roica se comunicava muito com o Comico , e com o Tragico ; o que basta quanto á primeira objecçaõ , por ser elle o Principe das leys da Poetica, que as expli- ca quando ellas tem alguma difficuldade , ou antino- mia. Quanto ao segundo reparo , Virgilio só nos me- lhores livros de toda a Eneida , que he o quarto , e o sexto, usou tanto da translaçaõ, e metafora , que se naõ podem contar os seus exemplos ; mas começarey a de- fenfa por onde elle começou os dous livros incompa- raveis :

*At Regina gravi jam dudum saucia cura  
Vulnus alit venis , & cæco carpitur igni.*

*..... Hærent infixi pectore vultus.*

*Postera phæbea lustrabat lampade terras.*

*Solus*

*Solus hic inflexit sensus , animumque labantem  
Impulit : agnosco veteris vestigia flammæ.*

*..... O luce magis dilecta sorori ,*

*Solane perpetua mœrens carpere juventa ?*

*..... Placitone etiam pugnabis amori ?*

Com que o Poeta para dizer , que Dido estava affeiçoada a Eneas no seu pensamento , disse , que estava ferida com aquelle cuidado : para dizer , que conservava aquelle cuidado , disse , que alimentava nas veas a mesma ferida : para dizer , que o amor a tinha vencido , disse , que estava consumida com o fogo cego : para dizer , que guardava no peito a imagem de Eneas , disse , que nelle estava cravada : para dizer , que sahira o Sol alumando o mundo , disse , que o illustrava com a alampada de Phebo : para dizer , que conhecia em si sinaes do antigo amor , disse , que conhecia em si vestigios da antiga chamma : para dizer , que só Eneas lhe agradou depois de morto Sicheo , disse , que só elle lhe dobrara a vontade com a metafora da reduccão dos cavallos : para dizer , que Anna amava mais a sua irmã Dido , que a propria vida , explicou a vida com a luz , por ser cousa , de que mais se necessita : para dizer , que só ella havia de passar os seus poucos annos em tristeza , disse , que só ella havia de ser colhida como as flores na mocidade : para dizer , que havia de resistir ao amor , disse , que havia de ter com elle hum conflicto.

*Sic fatur lacrymans , classique immittit habenas ,*

*Et tandem Euboicis Cumarum allabitur oris.*

*Obvertunt pelago proras : tum dente tenaci*

*Anchora fundabat naves , & littora curvæ*

*Prætexunt puppes : juvenum manus emicat ardens*

*Littus in Hesperium : querit pars semina flammæ*

*Abstrusa invenis silicis : pars densa ferarum*

*Tectarapit sylvas , inventaque flumina monstrat.*

Para dizer , que Eneas preparava a armada , disse , que lhe metia as rédeas : para dizer , que navegava para a Cidade de Cumas , disse , que se hia precipitando para aquella terra : para dizer , que as naos ancoravaõ no mesmo porto , disse , que a ancora com o seu dente tenaz firmava os navios no mar : para dizer , que elles estavaõ naquellas prayas , disse , que as cubriaõ as popas curvas : para dizer , que hum grande numero de moços defembarcara com promptidaõ , disse , que hum esquadraõ ardente de moços saltara subitamente em terra : para dizer , que parte desta gente buscara as pedreneiras para se aproveitar do seu fogo , disse , que buscara as sementes da chamma escondida nas veas da pedreneira : para dizer , que a mesma gente trouxera para o seu uso a lenha dos bosques , disse , que arrebatara os bosques , e a estes chamou casas das feras , e até as casas significou pelos tectos.

Parece-me , que pela unha tenho mostrado o leaõ , e pelo dedo o gigante. Mas não fora Virgilio copia taõ parecida de Homero , e original sem ella até a nossa idade para todos os Poetas, se não repetira tanto esta figura , pois se inventou para mover os animos , para explicar melhor as materias , e para as pôr bem diante dos olhos , devendo occupar o lugar , que está vago , ou introduzir-se no alheyo , e mostrar sempre mayor energia , do que a palavra , que se exclue ; pois de outro modo faltarsehia ao preceito de Aristoteles, que manda , que a oraçaõ do Poeta não seja humilde , nem escura , nem muito levantada ; e para unir estas partes entre si oppostas he que inventaraõ os mestres a translaçaõ , e metafora , o que elles provaõ com este verso já repetido :

*Sic*

*Sic fatur lacrymans, classique immittit habenas.*

Passando ao hyperbole, que he outro vicio, em que mais se defenfrea a nação Hespanhola no juizo dos Criticos, resolvome a dizer, que não só os Poetas Latinos, mas os Oradores os venceraõ na repetição, e no encarecimento desta figura, porque usaraõ della por varios modos:

*.... Et telo lumen terebramus acuto*

*Ingens, quod torva solum sub fronte latebat,*

*Argolici clypei, aut phæbeæ lampadis instar.*

*.... Geminique minantur*

*In cælum scopuli.....*

A menor injuria, que ouvia hum Hespanhol, se usava destes hyperboles, era a da sua ignorancia, porque não sabia, que o escudo Argolico, a que se compara o olho de Polifemo, tinha tal grandeza, que o soldado, que o trazia, e ficava morto na campanha, costumava ser levado nelle, como em hum esquife, para a sepultura; e que o Sol, a que tambem se compara o olho deste Gigante, he excessivamente mayor, que todo o globo da terra: que o mundo he hum ponto em comparação do Ceo, e que este ameço era tão pueril, como ridicula a guerra, que lhe fizeraõ os gigantes: que se o Poeta quera levantar aquelles dous rochedos sobre as nuvens, isso não era hyperbole, por haver muitos montes, que como o Athos as excedem, sendo mayor erro desta figura suppor no Ceo receyos da terra, fazendo tambem o Poeta impio com huma exaggeração alheya de toda a piedade. Com tudo Virgilio, que era grande antiquario, e Mathematico, e muy religioso, e que como bom Rhetorico não ignorava, que o hyperbole, ainda que deve ser ultra fidem, não deve ser ultra modum, desprezou todas estas criticas nestes exemplos,

emplos, e nos que se seguem:

..... *Credas innare revulsas*

*Cycladas*.....

..... *Fulminis ocyor alis*

*Illa vel intactæ segetis per summa volaret*

*Gramina, nec teneras cursu læsisset aristas.*

Cuido, que não pôde haver mayor oufadia de hyperboles, quando suppoem Virgilio estas Ilhas do Archipelago, antigamente o mar Egeo, arrancadas do lugar, onde as situou a natureza: quando finge mayor velocidade em Nizo, que a ligeireza dos ventos, e do rayo: quando pinta a Camilla correndo taõ arrebatadamente, que voava por cima das espigas daquela sementeira, e que nem a parte mais superior maltratava com os seus pés; e aqui se não contentou Virgilio com menos de duas figuras, a do hyperbole, e a da metáfora: *Volaret, nec læsisset*. Horacio descrevendo a inundação, que houve depois da morte de Julio Cesar, em que elle diz, que se temeo tornasse a vir o seculo de Pirra, explicou-a por estes termos:

*Piscium, & summa genis hæsit ulmo,*

*Nota quæ sedes fuerat columbis,*

*Et superjecto pavidæ natarunt*

*Æquore damæ*.....

Que a geração dos peixes ficou pegada no mais alto choupo, que fora conhecida habitação das pombas; e que as corças tímidas nadaraõ no mar, que cobria a terra; e Ovidio pintando huma borrasca, que experimentou, quando hia cumprir o seu desterro, não se contenta o seu susto, ainda depois de escapar da morte, com menores expressoens:

*Memiserum, quanti montes volvuntur àquarum!*

*Famjam tacturos sidera summa putes.*

*Quan-*

*Quantæ deducto subsidunt æquore valles!*

*Famjam tacturas tartara nigra putes.*

Miseravel de mim, quantos montes de agua andaõ em hum gyro! Já imaginareis, que haõ de tocar as mais altas estrellas. Quantos valles fazem assento no mar, que se despenha, já cuidareis, que haõ de tocar os lugares do inferno. E porque me chama a toda a pressa a mayor confirmação do muito, que realça á Poesia, e á mesma eloquencia o hyperbole, naõ allego outros exemplos, tendo varios, e continuados na historia de Caco morto por Hercules. Só naõ posso deixar de me admirar grandemente de que ouvindo ao meu Contendor, que elle repetia nos primeiros annos a mayor parte da Eneida, censurasse nos nossos Poetas o amor, que tem a esta figura; pois o que elle soube a respeito da sua feliz memoria, ainda hoje o sabe como entaõ, e o que sabe hoje em virtude do seu anticipado entendimento, naõ houve tempo, em que o naõ soubesse. Ora ouçamos a Cicero, que he só quem se póde ouvir, depois que se cala Virgilio. Diz elle contra Marco Antonio, accrescentando cada vez mais o hyperbole, ultima liberdade, a que póde arrojarse a confiança da arte Oratoria: *Quæ Charybdis tam vorax? Charybdis dico? Quæ si fuit, fuit animal unum: Oceanus mediusfidius vix videtur tot res, tam dissipatas, tam distantibus in locis positas, tam cito absorbere potuisse.* E porque naõ temeo Cicero como Mestre da Rhetorica, que lhe estranhassem hum hyperbolé, que enganava com a mentira, e encarecimento da voracidade da Carybdes, e do Oceano, quando por esta causa dizem alguns eruditos se malquistou o hyperbole no uso dos Poetas, e Oradores? Naõ temeo Cicero este reparo, porque he natural em todos os homens sabios, e igno-

ignorantes hum defejo, e appetite de augmentar, e diminuir, e são dignos de perdaõ; pois não affirmam as mesmas coufas, que exaggeraõ.

Entremos no ornato, em que são injuriados, mais que reprehendidos, os Poetas Hespanhoes pelo luxo, e prodigalidade de palavras, e epitetos. Porém antes que os disculpe com semelhante desperdicio dos Poetas Gregos, e Latinos, direy como graduou Quintiliano o ornato da oraçaõ, ou como fez, que todas as suas partes lhe cedessem o lugar mais authorizado: *Nam emendate quidem, ac dilucide dicentium tenue premium est, magisque vitiis carere, quam ut aliquam magnam virtutem adeptus esse videaris*; e se parara aqui o seu louvor, ainda parecera, que recomendava menos a importancia do ornato; mas continúa desta forte: *Inventio cum imperitis sæpe communis, dispositio modicæ doctrinæ credi potest, & quæ sunt artes altiores, plerumque occultantur, ut artes sint*. Não pareça muito, que Quintiliano se declarasse tanto a favor do ornato, sabendose o que disse Cicero a Bruto em huma epistola: *Nam eloquentiam, quæ admirationem non habet, nullam judico*; que por isso Marco Antonio affirmava, que tinha visto muitos homens elegantes, mas nenhum eloquente; porque ao elegante basta dizer o que convém; mas só he propriedade do eloquente fallar exornando as materias. O mesmo Mestre da eloquencia Romana ensina, que o invento, e disposiçaõ toca ao homem prudente, e que a eloquencia compete ao Orador; e assim como a magnificencia do vestido accrescenta aos homens a authoridade, assim tambem a riqueza, e pompa do ornato causa este mesmo effeito na oraçaõ: logo se o ornato he taõ preciso no Orador, quanto mais necessa-  
rio



rio será no Poeta? E se a eloquencia no Orador deve ser admiravel, como deve ser no Poeta natural, quando por serem naturaes as qualidades, e influencias do Sol, a conservaço da terra no ar, a obediencia do mar ás suas balifas, nos não fazem admiração? Se Orfeo a não caulara tanto com a sua Musa, como com a sua musica, não dera motivo á fabula, de que os brutos, e os penedos o seguiaõ, attrahidos das suas vozes. Não differa Homero, que as Musas nascerão no Ceo, e que de lá foraõ mandadas para assistir entre os mortaes; o que obrigaría a publicar Ovidio:

*Quot aderant vates, rebar adesse deos.*

Nem Plató se atrevera a afirmar, que ninguem podia chegar ao vestibulo da Poesia, senão dotado de algum celestial espirito. Em fim entre o Poeta, e o Orador ha esta differença, que hum traz a sua origem da grandeza do Ceo, outro da humildade da terra: hum deve a sabedoria a Apollo, que lha inspira, outro deve a sciencia aos homens, que lha ensinaõ: hum herda aquelle patrimonio, outro descobre aquelle thesour: a hum dá o nascimento a coroa, a outro a industria o principado. Quintiliano tem por infallivel, que Cicero conseguiu a victoria na causa, que patrocinou de Cornelio, por pelejar nella não só com fortes, mas com brilhantes armas: *Nec fortibus modo, sed etiam fulgentibus armis praeliatus est.* E continúa: *Sublimitas profecto, & magnificentia, & nitor, auctoritas expressit illum fragorem;* e ainda vay por diante, porque eu tenho para mim, que os circunstantes nem advertiraõ no que faziaõ, nem applaudiraõ por sua vontade, mas como alienados, e sem repararem no lugar, em que estavaõ, romperão naquelles finaes do seu affecto; porque os que ouvem com gosto, attendem

mais, e daõ mais facilmente credito ao que ouvem, e pela mayor parte ficaõ cativos do mesmo agrado, e algumas vezes fóra de si com a admiraçaõ; pois o ferro causa na vista algum terror, e os mesmos rayos não nos confundiriaõ tanto, se só nos atemorizasse a sua violencia, e não o seu mesmo relampago. Nesta mesma figura se entende o epiteto taõ frequente entre os melhores Poetas, que sem ella mal se póde explicar nenhuma cousa com magestade, ainda que se possa dizer propriamente; mas os Poetas não se contentaõ com a decencia, sennaõ com o apparato, nem com a liberalidade, sennaõ com a profusaõ, como se vê destes versos de Virgilio:

*Luētus, & ultrices posuere cubilia curæ:*

*Pallentesque habitant morbi, tristisque senectus,*

*Et metus, & malesuada fames, & turpis egestas*

*... Et mala mentis*

*Gaudia: mortiferumque adverso in limine bellum:*

*Ferreique Eumenidum thalami, & discordia demens*

*Vipereum crinem vittis innexa cruentis.*

Nestes sete versos repetio Virgilio onze vezes o epiteto, chamando aos cuidados vingadores, ás doencas pállidas, á velhice triste, á fome má conselheira, á pobreza torpe, aos gostos do appetite perversos, á guerra mortal, aos leitos das Eumenides, ou furias ferreos, á discordia furiosa, ás fitas, com que se toucaõ, enfanguentadas, e ao seu cabello colubrino; e porque o livro sexto he hum daquelles, em que Virgilio ostentou mais a erudiçaõ de Poeta, não allego outros exemplos, não só de Lyricos, mas nem ainda da sua mesma Eneida; só digo, que applicou tres epitetos á figura monstruosa de Polifemo:

*Monstrum horrendum, informe, ingens;*

e que

e que Camoens, a quem o Cicero Portuguez o Padre Antonio Vieira chamou o nosso Homero, accommo-  
dou cinco ao retrato da Fama:

*A deosa gigantea, temeraria,*

*Factante, mentirosa, e verdadeira;*

e tudo isto feito com alto conselho da arte; pois os  
epitetos, e os adverbios pozéraõ a Homero muy su-  
perior a Virgilio, observandose mais de vinte modos  
de epitetos applicados ao nome de Achilles; e se tirar-  
mos a Homero a graça, e felicidade delles, tirarlhe-  
hemos, no juizo de graves Authores, huma grande par-  
te do merecimento do seu Poema; pois estas elegan-  
cias principalmente foraõ as que lhe alcançaraõ aquel-  
le inaudito louvor de Paterculo, que elle só era digno  
de ser intitulado Poeta; o que era obrigado a dizer es-  
te discreto Author, havendo já confessado Eschiles,  
que as suas Tragedias naõ eraõ mais que as migalhas  
dos banquetes de Homero; e Aristoteles na sua Poeti-  
ca, que elle excedia a todos pela grandeza da sua frase.

Segue-se mostrar a conveniencia, e necessidade da  
amplificaçaõ, que tem todo aquelle, que desejar flo-  
recer na arte Poetica, ou Oratoria; e começo por Vir-  
gilio para acabar por Cicero, que tanto illustraraõ o  
seu seculo, como escureceraõ os passados, e os pre-  
sentes:

*Quo pulchrior alter . . . .*

*Non fuit, excepto Laurentis corpore Turni.*

E em outro lugar:

*Impulit in latus, ac venti velut agmine facto,*

*Qua data porta, ruunt.*

E em outra parte:

*. . . . . Cui . . . .*

*Trunca manum pinus regit . . . . .*

Em que mostrou este insigne Poeta, que Turno era dotado da mayor gentileza, porque nella vencia a Lauro, que tinha formoso aspecto: tambem declarou pela antecedencia da petição de Juno feita a Eolo Rey dos ventos, quaõ grande feria aquella tempestade; e naõ inculcou com menos arte a estatura do corpo do Cyclope, q̄ levava hum pinheiro por bordaõ; mas tudo isto tinha aprendido Virgilio de Homero com aquelle successo dos grandes homens, que quando aprendem de hum, ficaõ ensinando a muitos. Ouçamos finalmente a Cice-ro: *Facinus est vincire civem Romanum, scelus verberare, prope parricidium necare: quid dicam in crucem tollere?* Diz elle: Que prender o cidadão Romano he acção culpavel, açoutallo atroz, matallo quasi parricidio, e que direy a pollo em huma cruz?

E porque naõ he menos importante a figura hypotyposis entre os Poetas, porey aqui dous lugares, hum de Virgilio, em que imitaria a Homero, e outro de Ovidio, em que imitou a Virgilio:

*Hic Dolopum manus, hic sævus tendebat Achilles:*

*Classibus hic locus: hic acies certare solebant:*

Que aqui estava o esquadraõ dos Dolopos: que aqui tinha a sua tenda o cruel Achilles: que aqui era o campo do exercito: que aqui costumavaõ pelejar as tropas.

*Famque aliquis posita narrat fera prælia mensa,*

*Pingit & exiguo pergama tota mero.*

*Hac ibat Simois: hic est Sigeia tellus,*

*Hic steterat Priami regia celsa senis.*

*Illic Æacides, illic tendebat Ulysses,*

*Hic lacer admissos terruit Hæctor equos:*

Que algum soldado mostra na mesa os crueis choques, que houve entre Gregos, e Troyanos, e que nella pin-

ta com pouco vinho todos os muros de Troya : que por esta parte corria o rio Simoente : q̄ aqui era o campo Sigeio : que aqui fora fabricado o palacio do velho Priamo : que naquelle lugar estivera Achilles, ou Eacides, explicado com o nome patronimico, e que naquelle sitio pozera Ulysses a sua tenda : que aqui Heitor despedaçado com muitas feridas espantara os cavallos ligeiros. Com esta figura não só procuraõ afformosear os Poetas as suas composicoens, mas tambem os Historiadores, como se vê em Tacito fallando da victoria, que alcançou o Imperador Vitelio: *Aderant Valens, & Cecina, monstrabantque pugnae locos: hinc erupisse legionum agmen, hinc equites coortos: inde circumfusas auxiliorum manus: vulgus quoque militum clamore, & gaudio deflectere via, spatia certaminum recognoscere, aggerem armorum, strues corporum intueri, mirarique.* Que Valente, e Cecina mostravaõ os lugares da peleja : que daqui tinha feito huma fortida o esquadraõ das legioens : que daqui sahira a cavallaria : que da mesma parte as tropas misturadas dos auxiliares : que os soldados de menos importancia deixavaõ a estrada com o clamor, e gosto: que reconheciam os sitios dos combates : que viaõ, e admiravaõ o monte das armas, e o cumulo dos corpos. Agradeçaõme agora os meus ouvintes pouparlhes a sua paciencia, não querendo entrar novamente na ponderação da metafora, pois em taõ poucas palavras a vejo repetida por Tacito, devendolhe mais cuidado o mysterio das suas politicas, que os adornos da eloquencia; e assim como deixey esta vez de ponderar o lugar referido, deixey de trazer outros, que confirmavaõ claramente, que poucos saõ os periodos dos Authores insignes, que não sejaõ metaforicos; porque a metafora

fora he como o valor no soldado , he como o engenho no estudante , he como a independencia no Juiz , he como a modestia na mulher , he como a liberalidade no Principe. Em fim até a sagrada penna descreve o caõ de Tobias , que foy esperar a seu filho , com esta elegancia : *Et quasi nuntius adveniens blandimento sue caudae gaudebat* : Que o caõ á maneira de hum menfageiro mostrava alvoroço com as lijonjas da sua cauda.

Era justo tratar agora do hyperbaton , por ser muy usado dos Castelhanos , mais que dos Latinos , com a authoridade de D. Luiz de Gongora ; mas só direy , que em Calderon se não vê nenhum abuso desta figura , pois se serve della só naquelles casos , em que a mudança , ou distancia das palavras fazem mais sonora a oração , e a sua estrutura mais agradavel , o que executão tanto os Oradores , como os Poetas : *Animadverti, Judices, omnem accusatoris orationem in duas divisam esse partes* ; e se dislera : *In duas partes divisam esse* , estava duro , e menos polido no juizo de Quintiliano :

*Hyperboreo septem subjecta trioni.*

*Em versos divulgados numerosos ,*

*De palmas rodeado valerosas ;*

mas de nenhuma forte :

*Embuelva en poca el desengañõ espuma*

*Del Cielo la hareis tercero estrella.*

Por mais que se queiraõ adargar estes Authores com o exemplo de Lucrecio : *Conquegregantur* por *Congreganturque* , e com a insolente mais que insolita liberdade de Pacuvio : *Art vese hac cimus* em lugar de *Arte hac vescimus* ; pois este tropo , ou figura he muy differente deste , que se observa a cada passo em Cicero :

ro : *Per mihi gratum , perque jucundum , quem illa cumque locum ;* e Plinio finalmente ao seu Tacito : *Neque ut magistro magister , neque ut discipulo discipulus , sic enim scribis , sed ut discipulo magister , nam tu magister , ego contra : atque adeo tu in scholam revocas , ego adhuc saturnalia extendo , librum misisti ;* e diz o mesmo Plinio , que não póde fazer mais comprido o hyperbaton , nem eu tambem , tomando o seu conselho , o capitulo , que trata delle.

Entra agora a perifrasis, ou circumlocução, figura a mais usada , a mais precisa , a mais especiosa, porque humas vezes evita indecencias com o seu rodeyo, outras ostenta erudiçoens com o seu circuito , e sempre mostra por este meyo a fertilidade do engenho do Poeta , como persuadirão os exemplos , que aqui po-  
ney, dos melhores Authores. Virgilio :

*Tempus erat, quo prima quies mortalibus agris  
Incipit , & dono divum gratissima serpit.*

Quer dizer : Era o tempo , em que começa o primeiro descanso aos homens fatigados , o qual summamente agradavel se vay introduzindo por merce dos deoses.

Camoens :

*Tal manha buscou já , para que aquelle,  
Que de Anchises pario , bem recebido  
Fosse no campo , que a bovina pelle  
Tomou de espaço por sutil partido.*

Val isto , que Eneas fosse bem recebido em Carthago, porque Dido a edificou no sitio , que occupava a pelle de hum boy. Tasso :

*O Duci , evoi che le fulgente squadre  
Del Ciel movete in triplicati giri  
O Divo, ete, che de la diva fronte  
La monda umanità lavasti al fonte.*

Signi-

Significa a invocação dos Anjos, que alguns entendem guião os Planetas, e a de S. João Bautista bautizando a feu divino Mestre. Horacio :

*Sic te diva potens Cypri,  
Sic fratres Helenæ lucida sidera.*

Deste modo chama a Venus deosa poderosa em Chipre, porque nella tinha mais templos, ou mais adoraçoens, e a Castor, e Pollus, irmãos de Helena, filhos, que Jupiter teve de Leda quando se transformou em cisne. Seneca Tragico :

*Dominumque regni tristis, & dominam fide  
Meliore raptam, voce non fausta precor  
Adeste, adeste sceleris ultrices deæ.*

Assim implora Medea o soccorro de Plutaõ, Proserpina, e das tres Furias contra Jason. Ovidio :

*Quo simul acclivo Clymeneia limite proles  
Venit, & intravit dubitati tecta parentis.*

Nesta fórma disse, que Faetonte veyo por hum caminho empinado, e entrou pelas antecamaras de Apollo. E porque disse a principio, que a perifrasis evitava indecencias, repetirey humas palavras de Sallustio, que traz Quintiliano a este mesmo fim, que são estas: *Ad requisita naturæ*; e Virgilio explicando as delicias do matrimonio, ou concubinato entre Dido, e Encas :

*Nunc hyemem inter se luxu, quam longa, fovere.*

Somos chegados aonde os Poetas Hespanhoes padecem a mayor injuria, porque se lhe faz a mayor sem-rançaõ, que ha na falta do decoro, assim das materias, como das figuras, que introduzem a fallar no feu Theatro; e confesso, que aqui he toda a minha admirançaõ, quando sey, que estes Criticos entendem os livros Gregos, que eu não entendo, e comprehendem muito melhor os Latinos, que eu percebo, e que ao mesmo

tem-



tempo se esquecem desta singular erudição com hum culpavel descuido, e incoherencia; reprovando em huma Comedia, ou Tragedia, o que não só admittem, mas veneraõ em hum Poema, sendo isto o mesmo, que estranhar hum erro da Architectura em huma casa humilde, e desculpallo em hum palacio, e em huma Basilica, e querer a figura de hum bruto com mais perfeição, que a de hum homem, e a imagem de hum homem com mais arte, que o simulacro de hum deos. Homero, de quem disse Quintiliano, que para se começar bem se havia de começar por elle, assim como Arato já tinha ensinado, que se havia de principiar por Jupiter: Homero, de quem disse Plutharco, que da sua sabedoria aprenderaõ os Filozofos todas as feitas, que professavaõ, introduzio o seu Heroe Achilles vendendo o corpo de Heitor a Priamo seu pay, faltando nesta idéa a todas quantas obrigaçoens podem competir ao Heroe, e caber no Poeta. Esta impropriedade só bastava para affear as perfeçoens da Iliada, e para desculpar os defeitos de todos os outros Poemas, por ser a obra do Heroico a ultima meta, a que póde chegar o juizo humano; e como o Heroe ha de ser composto de hum aggregado das virtudes mais eminentes; que por isso os Poetas o não haõ de representar na sua fantasia pelo que os homens faõ, senaõ pelo que devem ser, como ensina Plataõ na idéa de hum homem perfeito, Xenofonte na imagem de hum insigne Monarca, e Aristoteles na sua Poetica; o que não he muito, quando Cicero teve a mesma imaginação no tratado de Orador. Por estes principios fica sendo hum erro capital, indigno do caracter do Author mais memoravel em todas as idades, introduzir Homero a Achilles fazendo, e aceitando o preço pelo cadaver do seu inimigo,

go, vendendolhe o corpo depois de lhe ter roubado a vida, sendo mais infame na venda, que no roubo, e mais cruel quando o entregou ao pay para as honras da sepultura, que quando o deixou sem ella á vista dos mesmos Troyanos. Outra falta de propriedade, ou de decoro se vê neste Poema com grande perigo do culto, que nos encommenda a antiguidade, que he a queixa de Nestor pela morte de Antiloco seu filho, que depois viveo, e veyo a vencer a Menelao em hum certo género de combate: não sendo menos para desenganar a altivez do nosso entendimento, que a copia, e intensaõ das luzes deste Poeta, que como Sol as havia de repartir por todos os Astros da Poesia, padesse o eclipse de mostrar a Achilles chamando hum escravo seu, para que affugentasse as moscas, que como importunas aggravavaõ mais as feridas de Patroclo. Em fim, para que a loquacidade da critica tenha algum silencio, defafogo o natural descuido dos Authores, e todos ainda mais temor da sua fragilidade, que modestia no seu merecimento, saibamos, que Homero provoca à riso, quando falla do inferno, que se ferve de termos jocosos nos casos de mayor atrocidade, que pinta Jupiter despedindo rayos, quando o ar está chovendo neve, que poem no Ceo a officina de Vulcano, quando elle foy lançado desse lugar antes de ter ministerio tão improprio da bemaventurança daquelle sitio; e da piedade daquelles moradores. E se me responderem, que Homero merece não só grande, mas toda a desculpa, porque escreve o seu Poema naquelle tempo, em que muitos defeitos, que hoje são gravissimos, entãõ nem eraõ leves, digo, que era impossivel, que elle ignorasse até em seculo de menos humanidade, e policia, que fosse vicio exercitar a

vingança, e a tyrannia em hum cadaver, arrastando pelos campos de Troya o corpo daquelle inimigo, com quem havia batalhado, cujo valor quanto mais lhe acreditou a victoria, tanto mais merecia o respeito por huma morte, que fazia immortal a quem lha dera. Além de que Orfeo, e Anſion floreceraõ primeiro que Homero, pois elles, diz Horacio, foraõ os que apartaraõ os hoimens da impiedade das mortes, que se davaõ huns aos outros, e do modo de viver libidinoso, por cuja causa se entendeu, que hum domesticara a fereza dos tigres, e leocens, e que outro dera sentimento ás mesmas pedras para as conduzir a seu arbitrio por meyo da sua melodia. Esta era a sabedoria daquelle idade, separar os negocios publicos dos particulares, as materias sagradas das profanas, prohibir aos homens o commercio illicito das mulheres, dar preceito aos esposos, para que se guardasse a fé do matrimonio, instituir leys, e gravallas em taboas para se aproveitarem dellas os vindouros; e desta mais que humana occupação de Orfeo, e Anſion a favor da sua especie, com que aplacaraõ a desordem de tantas paixoens, se derivou a honra, e emanou o nome de divinos aos Poetas, e aos seus Poemas. Mas até aceitando a desculpa de que Homero compoz o seu Poema em tempo menos polido, e menos generoso, justificarey a Calderon de obrigar a Casimiro seu Heroe a commetter duas culpas taes, como a entrega da sua patria, e de Auristela sua irmã pelos impulsos do seu amor. Esta desatinada, e monstruosa paixão humas vezes faz, que Hercules fie em huma roca, havendo sido no berço o terror, e castigo das feras; e outras, que Orfeo desça ao inferno, naõ tendo maõs para ferir, senaõ as cordas da sua cithara; e outras, que Ju-

piter escolhendo a Aguiã para lhe ministrar os rayos, se transforme em hum animal, que mais se sujeita ao jugo, e ao trabalho. Em fim hum affecto taõ infelizmente senhor de si, que nem a memoria lhe serve para o passado, nem os olhos para o presente, nem a consideração para o futuro, que piza palacios, e cabanas com a mesma arrogancia, e injustiça da morte, que muito he, que fizesse cahir a hum Principe moço em semelhante loucura, tendo á vista tantos exemplos! Pelo que fica ao menos mais desculpado, porque mais airoso Casimiro, do que Achilles, nesta falta do decoro, quanto saõ mais nobres os erros, que dá o amor, que os que dá a cubiça, quanto he menos barbaro o rigor com os vivos, que com os mortos, quanto he menor empreza a do Poema Dramatico, que a do Heroico, quanto he menos celebre o engenho de Calderon, que o de Homero, quanto he menos sábia a nação Hespanhola, que a Grega, quanto he menos famoso o nome de Casimiro, que o de Achilles, e quanto he menos ser imitador, que inventor da culpa.

Mas porque ainda desejo lembrarme daquelle seculo rude, e inculto, em que os Heroes se compunhaõ só da virtude do valor, e este se considerava mais heroico, quando era mais cruel, defenderey a Calderon com alguns exemplos daquelle idade verdadeiramente de ouro, que foy a de Augusto Cesar, em que resplandeceo a Poesia de Virgilio. Este insigne Poeta tambem desprezou algumas vezes a pratica do decoro, e em hum dos partos mais ditosos do seu engenho, que foy o episodio dos amores de Dido com Eneas. O primeiro descuido, que teve Virgilio, foy idear hum episodio, em que por força havia de fahir o seu Heroe com a nota de ingrato, e de perfido; o segundo a indecencia

ciã publica de huma Princeza sem memoria do sexo, sem pejo dos vassallos, sem temor dos estranhos, e sem cuidado algum da posteridade, tirando á coroa, ao sceptro; e ao throno os seus illustres, e virtuosos effeitos. Calderon faz, que Casimiro pague hum odio com hum sacrificio seu, e dos seus, que he consequencia da generosidade do animo, que anteponha a dor de huma dama, que offendeo á sua mesma opiniaõ, que he o verdadeiro caracter de todo o amante. Com a mesma segurança, e facilidade desculparey a Calderon de alguns erros, que dá nesta, e em outras Comedias pertencentes á Geografia, Chronologia, e Historia, mostrando; que a Rainha Dido foy trezentos annos depois do incendio de Troya: que ella se matou por não casar com Hiarbas Rey de Getulia por abominar as segundas vodas em razãõ de ser a digamia culpavel entre os gentios, como argumento de menos honestidade, costume, que passou aos Romanos, e a que deraõ hum honroso preinio. O mesmo Virgilio diz neste verso:

*Quos Africa terra triumphis*

*Dives alit . . . . .*

Que os Africanos foraõ os primeiros, que triunfaraõ, quando he constante, que o primeiro, que triunfou foy Bacco. Ajuntase a este defeito, não ser a acçaõ do seu Poema executada pelo Heroe, como a da Iliade, e Odissea, porque Achilles, e Ulysses obraõ per si só todas as acçoens sem dependencia de outro soccorro, o que não succede a Eneas, que nada facilita sem o concurso dos seus Troyanos. Implicase Virgilio quando chora por ver pintada no templo de Carthago a destruiçaõ da sua patria, e quando ao mesmo tempo recreya os olhos com aquella pintura, não sendo para despre-

zar

zar o erro de suppor , que já as havia em tempo dos Troyanos, quando ainda entãõ sennaõ conhecia esta arte. Tambem cahe na mesma defatençaõ introduzindo a Venus fallando com seu filho Eneas disfarçada em trage de caçadora; e elle depois de lhe chamar deofa, lhe pergunta se tem chegado á sua noticia o nome de Troya; e com esta incoherencia de deofa, e ignorante deslustra o primor desta pratica , que he huma das mais patheticas , que fez este Poeta. Avulta mais estes defeitos o amor proprio na boca do mesmo Heroe: *Sum pius Aneas*; e ainda que se livre desta censura pela verdade, que o mesmo Heroe deve observar em todas as palavras, pois he certo, que Eneas foy pio com os Penates, com Troya, com Anchises, com Creusa, e com Ascanio, naõ se livrará sennaõ com o exemplo de Homero do crime da jactancia, que está respirando este hyperbole do seu nome: *Fama super æthera notus*, sendo para mim a mais grave de todas estas culpas, se attendermos ao principal fim do Poema, que he instruir, propor hum Heroe ingrato, e perfido, huma Rainha escandalosa, huns deofes protectores da ingratidaõ, e perfidia, delictos, que os homens costumãõ castigar, se saõ juizes, naõ defender, se saõ particulares; e tudo isto ideado no pensamento, publicado pela voz, exornado pela elegancia, animado pelo incendio deste Poeta só para adular aos Romanos, que coimo offendidos da competencia no valor dos Carthaginezes queriaõ ver destruida na posteridade o credito da sua primeira Rainha, e fundadora.

Estes me parecem, que saõ os ultimos excessos, que podem commetter os grandes Poetas na falta do decõro, sendo evidente, que desta casta se naõ achaõ na Comedia, que prometti defender, e me parece, que

em

em poucas de Calderon se notaráõ semelhantes desprezos da arte. Não he necessario ter a inteireza daquelle Real pastor, em quem as tres deosas litigantes se comprometterãõ, para que se pronuncie a sentença a favor de Calderon contra Homero, e Virgilio nesta parte taõ essencial da Poesia; mas contra Homero principalmente, pois proferilla contra elle he mais confirmar a que já tinha dado Plataõ desterrando-o da Republica, que elle formou por introduzir os deoses no seu Poema queixosos, feridos, adulteros, incestuosos, e inimigõs huns dos outros; o que obrigou a dizer ao zelo, e religiaõ de Marco Tullio sobre o roubo de Ganimedes, e de outras fabulas de igual affronta para as divindades: *Fingebat hæc Homerus, & humana ad deos transferebat, divina malem ad nos.* Com que pelo testemunho de Plataõ, e de Tullio não he digna de attençaõ a réposta de que Homero introduzio os deoses viciosos, porque essa era a opiniaõ, que elles tinhaõ no seu tempo, pois este Poeta foy o primeiro, que escreveo polida, e sabiamente da guerra de Troya, e o primeiro, que ensinou a Grecia a conhecer os mysterios das sciencias, e virtudes: com que tinha obrigaçaõ de instruir a sua patria no respeito dos deoses, e não authorizar com os seus escritos a ignorancia do vulgo, e a irreverencia, e temeridade dos homens. E porque não pareça, que só desculpo Calderon, e o seu Heroe Casimiro com os exemplos dos Poetas Epicos, como Homero, e Virgilio, e não com os dos Tragicos, como Sofocles, e Euripides, digo, que a este condena muito Aristoteles, porque introduz fallando Menalipe com profundas sentenças, como se fora hum Filosofo; e Theon não acaba de o criminalar pelos demasiados discursos, que obriga a fazer

zer a Hecuba a respeito da sua infelicidade. Sofocles representou o Edipo muy destituido de constancia varonil nos trabalhos do seu desterro, depois de lhe haver attribuido hum caracter de heroico soffrimento antes da sua desgraça; mas individuemos mais o que dizem os Criticos dos tres exemplares da Tragedia: Que Eschiles se esqueceo de todos os preceitos della por se persuadir, que os segredos, e excellencias daquella arte consistiaõ só na expressaõ sublime, e magestosa, de que resultou, que o coro das Eumenides fizesse desmayar os mininos, e mal parir as mulheres, que se achavaõ naquelle espectaculo, porque elle distribuia mal o seu enthusiasmo, pois nem todas as figuras pediaõ o mesmo furor. Que Euripides excedeo as leys da arte, affectando parecer só judicioso, de que nasceo, que os seus discursos naõ ardessem com aquelle calor Poetico das materias, que por isso participa pouco a alma das suas paixoens. Que Sofocles desprezou os mesmos preceitos, e contrahio o vicio da escuridade por se remontar sobre todos os Poetas na alteza do seu estylo, e que nem todas as suas obras se acompanhaõ daquella perfeiçaõ, e felicidade, que julgaraõ os magistrados do seu Edipo Coloneo.

Agora tomara perguntar ao meu Contendor, depois de lhe dizer, que esta critica he dos Francezes, se elles saõ mais observantes da Tragedia, que os Gregos, ou se o naõ saõ? Porque se saõ mais observantes, merecem no mundo mais illustre nome os Francezes, que os Gregos nesta materia, e o mundo, que nas suas partes faz tantas injustiças, e no seu todo nenhuma, a commette contra o seu merecimento, negandolhe naõ só a vantajem, mas até duvidandolhe a igualdade. Se naõ saõ mais observantes, como se atrevem a accusar os Hes-



os Hespanhoes da mesma culpa, de que são reos? E se me responder o meu Contendor, que elles em muitas circumstancias do Theatro excedem aos Gregos, ainda que sejaõ excedidos pelos mesmos em outras obrigaçoens da Tragedia, digo, que assim são os Hespanhoes a respeito só dos Francezes; pois se os Francezes podem com imperfeição exceder aos exemplares de todos os Poetas deste genero, porque não poderão igualar os Hespanhoes aos que nunca foraõ modelos da Poesia. Mas torno a perguntar: Em que partes da Tragedia excedem os Francezes aos Gregos? Porque se he na melhor ordem, e disposiçaõ da fabula, na mayor propriedade do caracter de cada pessoa, na facilidade de moverem os affectos, observando mais a natureza, que a arte, excedem os Francezes aos Gregos nas qualidades mais precisas, e difficultosas da Tragedia, e levando elles a palma neste combate aos tres Poetas do Poema Dramatico, que muito he, que cantem a victoria contra os Hespanhoes, que o mais, que pertende a sua ambiçaõ, he conservar o nome de seus discipulos? Se excedem os Francezes aos Gregos em outros requisitos da Tragedia, como usarem de menos pompa de expressoens, serem mais moderados na licença dos tropos, e das figuras, evitarem toda a redundancia, que possa deixar affectada huma oraçaõ, excedem os Francezes no menos importante da Poesia, e quem excede no menos, nem por isso iguala no mais, e como não póde ser competidor, como poderá ficar victorioso?

Sejame permittido fallar outra vez no decoro, pois he o uso, ou o abuso d'elle o que sobe, ou desce do throno aos Poetas; e sejame tambem licito reparar mais nos descuidos, que teve nesta parte Virgilio,

E

que

que nós de Homero , lembrandome do que diz Escaligero, entrando a pezar o merecimento destes dous mais Apollos , que Poetas : *Virgilius artem ab Homero rudem acceptam lectioris naturæ studiis , atque judicio ad summum extulit fastigium perfectionis : quodque per paucis datum est , multa detrahendo fecit auctiorem.* Virgilio no quarto livro introduz a Hiarbas pedindo a Jupiter pela impaciencia do seu ciume , que impida as vodas de Dido com Eneas , cuja petição despachou logo , e pondo os olhos nos muros de Carthago , e nos dous amantes , manda a Mercurio execute as instruçoens daquella embaixada , que eraõ intimar a Eneas , que Venus sua mãy lhe tinha promettido , que elle se portaria de outra forte , pois seria quem regesse a Italia , senhora de muitos dominiõs , e muy famosa pela guerra : que meteria nas suas veas o sangue de Turno , e que sujeitaria todo o Universo ás suas leys ; e assim que navegasse para Italia , e que esta era a sustancia das ordens , que trazia. Reparo em que Jupiter , havendo tomado Eneas debaixo da sua protecção a rogos de Venus , nem soube , que elle estava em Carthago , nem que se tinha inclinado a Dido , senão depois que Hiarbas lhe representou a injuria , que lhe fizera huma Princeza , que havia achado no seu Reyno toda a hospitalidade. Tambem reparo , que Eneas sendo Heroe , e o Heroe hum compendio de todas as virtudes , antepozesse o amor de hum appetite vicioso ao do seu nome immortal , e ás utilidades , e honras da sua descendencia , e que desprezasse toda a outra gloria em ser conservador das reliquias da sua patria , e fundador de hum imperio , que havia de ter obedientes todas as outras naçoens. Donde está aqui o decoro guardado a Jupiter , e a Eneas pelo Poeta , se Jupiter  
naõ

naõ tem fabledoria para antever o futuro, nem providencia para cuidar do presente, nem perseverança para continuar o favor, em que empenhou a sua palavra? Se Eneas antes quer hum amor falso, e caduco, que hum verdadeiro, e permanente: se se arrepende da piedade, que usou com Troya quando livrou da sua ruina aquelles poucos companheiros; e se contradiz o desvelo, e a ternura, que mostrou em levar pela maõ a seu filho Ascanio, se já despreza os augmentos da sua fortuna? Neste mesmo livro introduz Virgilio huma tempestade, para que Dido, e Eneas temerosos da sua violencia se encontrem em huma gruta; e diz estas palavras de huma Rainha, escandalosas até para o pouco recato de huma Semiramis:

*... Neque enim specie, famave movetur,  
Nec jam furtivum Dido meditatur amorem.*

Aonde está aqui o decoro, se Dido nem como mulher se peja da publicidade, nem como Rainha sente a perdição do credito? Quanto mais, que se os dous amantes entraraõ sós naquella gruta; como diz o Poeta, que Dido desprezava ser publica a sua infamia? Já que a tratou como huma Flora, fazendo daquella gruta hum lupanar, naõ diria, que nelle ficava mais occulta a sua torpeza, pois os lupanares, os lustros, as abobadas, os sitios escuros, os lugares subterraneos eraõ aquelles, em que se manejava o vil commercio da honestidade pelo dinheiro? Se Eneas como Heroe estava culpado, ou naõ, naquella acção do seu amor, vejase nestes versos:

*..... Pulchramque uxoriis urbem  
Extruis? Heu Regni, rerumque oblite tuarum  
Quid struis? Aut qua spe Libycis teris otia terris?  
Si te nulla movet tantarum gloria rerum,*

*Nec super ipse tua moliris laude laborem.*

Digame agora o meu Contendor, se se póde dar reprehensãõ mais aspera, que a que deo Mercurio a Eneas por ordem de Jupiter, a Eneas duas vezes Heroe pelo sangue, e pelas proezas, como filho de Venus, e como defensor de Troya? E digame tambem se está observado o decoro, quando se lhe imputa a culpa de effeminado, o crime de ocioso, o defeito de esquecido dos seus interesses, e o vicio de inimigo da fama?

Parecerá tudo isto, que tenho dito, e allegado, que he condenar, e não defender, contra o que prometti no proemio desta Apologã; e não he mais que hum artificio de mostrar, que os mais affombrosos engenhos cahiraõ em algumas defatthençoens; mas da mesma forte que as manchas do Sol não affeaõ a sua formosura: que a altura dos montes não tira ao mundo a sua redondeza: que os terremotos não privaõ a terra da sua estabilidade: que os naufragios do mar não alteraõ os seus beneficios: que a descomposiçaõ dos mais elementos não embarça as suas influencias: que o sobressalto no leaõ á voz do gallo, o susto do tigre ao som do tambor, o receyo na serpente á desnudez do homem, e o medo no elefante aos seus vestigios lhe não mudaõ a sua fereza. Quanto mais que quem busca huns erros por desculpa de outros, não he para injuriar a quem os commette, senaõ para acreditar a quem os imita; antes he persuadir, que ha vicios, que os justifica quem os tem, e que ha virtudes, que as malquista quem as obra; pois esta he a natureza dos grandes, e a condiçaõ dos pequenos, ou o attributo, que lograõ huns, e o tributo, que pagaõ outros.

Dirá o meu Contendor, que elle publicamente quer tirar a consequencia de que os Francezes não tendo

tendo estes descuidos na observancia do decoro, entendem, e praticaõ melhor a arte Poetica, do que Homero, e Virgilio. A que respondo, que se o meu Contendor naõ tem difficuldade de fazer esta confillaõ, eu tambem naõ terey nenhum pejo de protestar, que he grande gloria para Calderon ir atado com estes dous insignes Poetas ao carro do triunfo desta naçaõ mais invencivel, que a Romana: só lhe peço, que se tire delle a funebre cerimonia destas palavras: *Memento te esse mortalem.* Mas esquecendome daquella comparaçaõ, que faz Quintiliano de Homero com os mais Poetas, em que diz, que hum he o Oceano, e que outro saõ os rios, e as fontes, que delles tomaõ principio para continuarem o seu curso; e que Virgilio se chegou mais nos primores da Poesia a Homero, que aos outros professores desta arte, argumentarey assim, se me he licito depois de ceder: Homero ou soube perfeitamente a arte, ou naõ; se a soube perfeitamente, como foy taõ vencido nella pelos Francezes? E se a naõ soube com esta perfeiçaõ, como fez Aristoteles a sua Poetica pelo Poema de Homero? Homero ou já achou feita a arte Poetica, ou a inventou; se já a achou feita, elle foy o que melhor a executou, como se vê em exceder a todos os Poetas Gregos antes, e depois do seu Poema; se foy o inventor, como ha de receber as leys dos mesmos, a quem elle as deo ha tantos seculos, quando ensina Plataõ, que quem manda, deve ser melhor, que quem obedece? Dirmehaõ, que a razãõ em Homero fez a arte, e a razãõ nos Francezes a emenda dos seus preceitos; mas se a razãõ de Homero, que foy mayor, porque fez a arte, teve alguns descuidos, a razãõ dos Francezes, que he menor, porque só a percebe, como se ha de livrar de todos os defeitos? Bem

vejo,

vejo, que a razão he de todos os tempos, e que os presentes parece que tem mais sabedoria, que os passados, porque se achão compostos de mais experiencias; mas se o tempo pela ancianidade deve ser mais sabio, pela mesma causa póde estar mais caduco. Hiaõme occorrendo mais alguns argumentos para mostrar, que os Francezes não podiaõ emendar a arte Poetica, e que esta confiança era muy semelhante á d'aquelle moço temerario, que quiz governar o coche do Sol, porque sendo a sua natureza de homem, desejava ter hum emprego, que era sobre a condiçaõ dos mortaes, como lhe disse Apollo com amor paternal: *Sors tua mortalis, non est mortale quod optas*; porém atalhoume o meu intento a singular modestia, com que falla Cornellino diicurso do Poema Dramatico: *J'ecris sans ambition, e sans esprit de contestation, j'ay de ja dit. Je ta' che de suivre toujours le sentiment d'Aristote dans les matieres qu'il a traitees, e comme peut-estre je l'entens a ma mode, je ne suis point jaloux qu'un autre l'entende á la sienne.*

Ouçamos já Horacio, que entre os muitos defeitos desta Apologia tem sido hum consultar poucas vezes este Oraculo. Diz elle, fallando como elles, em poucas palavras: *Decipimur specie recti*. Este he o engano de todos os Authores; mas porque todos são enganados como homens, vejamos quaes padecem mais este engano. E assentando em que os extremos são viciosos, he certo, que huns tem menos vicio, que outros, por participarem mais das virtudes, de que se apartaõ. Por isso he mais soffrivel a culpa do prodigo, que do miseravel; porque aquelle participa mais, do que este, da liberalidade; a culpa do temerario, que do covarde, porque aquelle participa mais, do que este, do

valor. Assim tambem são menores os vicios da affectação, que os da escuridade, e baixeza do estylo, porque aquelles participão mais, do que estes, da eloquencia, de cujo cerebro, como Minerva do de Jupiter, nasceo a Poesia. E se não digame: Quem vio hum Poeta comparado aos movimentos rasteiros de huma serpente, senão aos voos ligeiros de huma ave? Quem vio hum Poeta fazendo o seu domicilio nas concavidades de huma gruta, senão escolhendo a sua habitação no cume dos montes? Quem vio hum Poeta, que caminhasse a pé fatigado do caminho, senão montado no Pegafo, não se contentando com que corresse os pés, sem juntamente se baterem as azas? Mas se nem com todos estes exemplos se accommodarem os Francezes, que querem seja o Parnaso dos Poetas, como o Areopago dos Athenienses, desejava saber delles por boca do meu Contendor, a quem sempre que lhe dou este nome, fico com mais susto da sua queixa, que da sua victoria, quaes são os delictos, que Horacio manda, que se perdoem, allegando para a facilidade deste perdão, que nem sempre a corda do instrumento dá aquelle som, que deseja a mão, e a fantasia do tangedor; que nem sempre a setta fere o alvo, a que se aponta? Diz Aristoteles, que os erros dos Poetas são de dous modos, hum por natureza, outro por accidente: o erro por natureza he quando se falta ás leys da Poesia naquellas cousas, que são mais proprias desta arte: o erro por accidente he quando se falta ao conhecimento da Geografia, Chronologia, ou Astronomia: o primeiro erro he de grande importancia, o segundo de pouca consequencia: neste foraõ comprehendidos Lucano, quando entendeu, que o rio Timavo corria por Padua, e Virgilio, quando se persuadio, que Eneas mata-

matará corvos na Africa, que nunca os produzio. Quanto mais que os Poetas, ainda que se alimentem, ou como Aguias, da pureza dos ares, ou como abelhas, da pureza das flores, ou como divinos, do nectár, e ambrosia dos deoses, nem por isso deixaõ de ter vapores, de que alguma vez se forme hum leve sono, que os adormeça brandamente:

... *Quandoque bonus dormitat Homerus.*

*Verum opere in longo fas est obrepere somnum.*

Esta obra dilatada não se entende só do Poema Heroico, mas do Dramatico; porque a breve he huma Ode, ou huma Elegia: nesta será o sono effeito da enfermidade, naquella effeito da natureza: em huma lethargo, de que senão acorde, em outra descanso, com que se viva. E sendo certo, como diz Horacio, que os Pintores, e os Poetas sempre tiveraõ a mesma licença para se atreverem nas suas obras, como lhe não foy concedida de sorte que podessem ajuntar no mesmo sujeito, e ao mesmo tempo o agrado com a aspreza, nem fingir hum composto de ave, e serpente, e de cordeiro, e tigre. Eu me explico melhor: Que hum homem valente trema á vista de hum fraco: que o fogo, e a agua não tenhaõ entre si discordia alguma, e outras cousas deste genero, que não possaõ naturalmente verificarse, que foy o erro, que deo Homero quando fingio, que Chryses sacerdote de Apollo, já decrepito com o pezo da idade, entrasse animosamente pelos arrayaes dos inimigos a pedir-lhe lhe entregassem logo a filha, que lhe haviaõ roubado; e sendo certo, torno a dizer, que esta licença he permittida, mas com alguma moderação, não me parece, que a excedo Calderon nem na Comedia, que defendo, nem nas muitas, que compoz, como fez Homero no seu

Poe-



Poema ; pois não se póde considerar caso mais inverosímil , que este , senão he o de Virgilio quando descreve o cão Cerbero , que tinha tres gargantas , e que os cabellos ; que lhe cubrião a cabeça , eraõ serpentes , ao qual , diz o mesmo Poeta , bastou hum só bocado cuberto de mel , que era o açucar daquelle tempo , para cahir em hum sono tão profundo. Eu repito os versos , para que entre mais pelos sentidos esta inverosimilidade:

*Cerberus hæc ingens latratu regna trifauci  
Personat , adverso recubans immanis in antro.  
Cui vates horrere videns jam colla colubris,  
Melle soporatum , & medicatis frugibus offam  
Objicit : ille famerabida tria guttura pandens  
Corripit objectam , atque immania terga revolvit  
Fusus humi , totoque ingens extenditur antro.*

Deixo de reparar no *Melle soporatum* , e no *Medicatis frugibus offam* , por não ser o corpo das obras de Virgilio da casta daquelles , em que se costuma fazer a operaçãõ da Anatomia ; e pelo mesmo respeito ao seu cadaver , ou ás suas cinzas ponho de parte mandar a Sibylla a Eneas , que defembainhe a espada contra as almas , sendo incorporeas :

*Tuque invade viam , vaginaque eripe ferrum.*  
Estranhandolhe logo , que elle mostrasse os fios da sua espada aos mesmos espiritos , como incapazes de receberem o dano das feridas :

*Et ni docta comes tenues sine corpore vitas  
Admoneat volitare cava sub imagine formæ,  
Irruat , & frustra ferro diverberet umbras.*

Como tambem , que os mais esclarecidos Gregos Menelao , e Agamemnon , e as suas melhores tropas começassem no inferno a encherse de pavor com a presença de Eneas :

*At Danaum proceres, Agamemnoniæque phalanges  
Ut videre virum, fulgentiaque arma per umbras,  
Ingenti trepidare metu . . . . .*

Mas ainda confessando , que os Francezes nesta circunstancia , ou em outra qualquer do Theatro sejaõ melhores executores da arte Poetica , não só que os Hespanhoes ; mas que os Gregos , e os Latinos , nem por isso se segue , que mereçaõ a reputaçãõ de consummados Poetas ; porque não basta no parecer de Horacio ser como aquelle Escultor , que imitava com grande semelhança as unhas das mãos , e a formosura dos cabellos ; e que nas mais perfeiçoens do corpo humano se via a ignorancia deste artifice , comparando o acerto , e erro do seu boril com hum rosto , que tivesse o nariz disforme , mas se acompanhasse de olhos , e cabellos negros , que naquelle tempo era a gentileza dos homens mais estimada. Tambem se me affigura , que não faltou a Calderon a qualidade taõ principal para Poeta do *Lucidus ordo* , como se explica o mesmo Horacio ; porque segundo Quintiliano a disposiçaõ da materia he argumento de mediana sciencia , sem que isto lhe tire ser como a luz , por meyo da qual só se póde ver o agrado das cores , e como a symmetria , que he só a que faz , que deleite os olhos o corpo humano , ou a sua imagem ; com tudo não he esta a qualidade , digo outra vez , que avulta mais no Poeta , ainda que taõ conveniente : da mesma forte , que a virtude da obsevancia da palavra no Heroe nunca o collocará per si só em taõ alta esfera por ser commua a todos os homens. A virtude porém , que lhe dará assento entre Apollo , e as Musas , que lhe porá na cabeça huma coroa de rayos , ou de louro , que elles respeitaõ , ferá a doce harmonia das vozes , que foy , com que Anfion edi-

edificou os muros de Thebas. Desta parte da eloquencia poetica he que eu entendo rigorosamente o que diz Horacio :

*Certis medium, & tolerabile rebus*

*Recte concedi . . . .*

*Sed tamen in pretio est mediocribus esse Poetis,*

*Non homines, non Di, non concessere columnæ.*

Porque das mais partes da Poesia já mostrey defeitos de homem em todos os Principes della; porém alguns muito desculpaveis na opiniaõ de Aristoteles, e de Horacio. Se são comprehendidos, ou não nesta desculpa os de Euripedes, que introduz Telefo, e Peleo não fó necessitados, mas mendigos, pedindo soccorro para a sua pobreza tão soberbamente; como o podiaõ pedir aos seus vassallos para fazer huma guerra justa, resolverão os Criticos, e muito melhor se forem Francezes, pois o inculcaõ aos Hespanhoes como mestre da Tragedia depois de emendado pela sua authoridade. Mas com licença de taes correctores, eu não vejo nos Hespanhoes este tão grande, e repetido esquecimento da verosimilidade, e do decoro; e vejo, e admiro nelles aquelle talento, que fez a Sofocles o modelo, e o original da Tragedia; isto he, hum perfeitissimo imitador das expressoens de Homero; e attendendo só a esta excellencia, Longino o propoem a todo o genero de Escritores, como a melhor idéa do estylo sublime. Ouçamos ao Padre Rapen sobre este ponto: *Car comme la Poesie n'est agreable & brillante que par la expression, qui est presque toujours la premiere partie de sa beaute: Homere qui a excellé sur tous les Poetes, par la noblesse, l'elegance, & la grandeur de la siene, a merité par la ceste admiration que tous les siecles ont eu pour luy.* Agora quizera eu, que o meu Contem-

dor me conciliaſſe eſtes dous textos, o de Rapen, e o de Cornelli: *F'ay pris pour m'expliquer, un ſtile ſimple, & me contente d'une expreſſion nue de mes opinions, bonnes ou mauvais, ſans y rechercher aucun enrichiſſement d'eloquence.* Eu ſey, que Sofocles foy chamado a Abelha, e Serea Attica; e eſta antonomafia não ſe lhe deo por elle guardar o decoro, ou outros preceitos da arte, ſenaõ pela alteza, ſublimidade, e pompa dos termos, em que vencia a Euripedes nas ſuas Tragedias; poſto que foſſe mais judicioſo; e eſte meſmo conceito fazem dellas Cicero, e Virgilio, para que acabemos de entender, que a fraſe, a locuçãõ, as figuras, as traſlaçoens, o ornato, e magnificencia das palavras ſaõ o mais rico patrimonio do Poeta.

Finalmente aquelles effeitos prõdigioſos ſem entrannelles o braço de algum deos, ou tambem aproveitarſe o Poeta da grandeza deſte poder nas couſas, que coſtuma vencer a industria, e valor dos homens, que ſaõ dous preceitos muy recommendados por Ariftoteles, e Horacio, deſejara, que me moſtraſſe o meu Contendor nas Comedias de Calderon; e em quanto elle revolve, e examina os ſeus livros, que ſaõ mais que os de Cornelli, para o fim deſta demonſtraçãõ, lhe trarey eu á memoria a Eſtentor, que na Iliada de Homero faz tanto ruido a ſua voz, como os clamores de cincoenta Gregos; e ainda que o exemplo, que agora quero allegar, não ſeja da meſma natureza, que os que tenho referido, com tudo ou pela incoherencia de Virgilio, ou pela extravagancia da fabula; pois excede toda a eſperança de hum diſcurſo prudente, não he razaõ, que o paſſe em ſilencio. Finge eſte Poeta, que a mãy dos deoſes Berecynthia pedira a Jupiter humaniſençãõ total da actividade dos elementos para a arma-  
da

dá de Eneas, como fabricada das madeiras de hum bosque, que lhe era consagrado; e não se achando Jupiter com poder tão amplo para tal privilegio, lhe concedeo em lugar deste o favor de converter em Ninfas do mar aquella mesma armada. Se he coherente, ou não em Virgilio limitar o poder de Jupiter no menos, e ampliallo no mais, determinallohaõ os Criticos, que eu já não devo ser mais dilatado, que por isso digo só de passagem, que vejaõ elles sobre a unidade do tempo o que durou a acção da Iliada, da Odissea, e da Eneida, e se foraõ melhor introduzidas por Virgilio as festas publicas no quinto livro, ou no vigesimo terceiro por Homero; e pela mesma causa não excito a questaõ, se o Poeta deve ser homem virtuoso, assim como aconselha Cicero, e Quintiliano, que o deve ser o Orador. Mas baste por todos introduzir Virgilio em hum tumulto popular a hum Varaõ, que o applacasse, dotado de tão illustres circunstancias:

*Tum pietate gravem, ac meritis si forte virum quem  
 Conspexere, silent, arrectisque auribus adstant,  
 Ille regit dictis animos, & pectora mulcet.*

E aqui temos em primeiro lugar a virtude, e em segundo a eloquencia. Toquey este ponto para dizer, que Euripedes introduzio no seu Theatro a Hippolyto fazendo hum juramento, e usando nelle de huma restricção mental, e se animou, esquecido das liçoens, e costumes de seu mestre Socrates, a patrocinar o vicio da avareza com tal liberdade, que todos os expectadores se alteraraõ; e ainda passou a mais a sua licença, e desprezo dos preceitos da Tragedia, porque offendeo pela boca de Menalipe a existencia de Jupiter, e semeou muitas proposiçoens impias, bastando por todos os delictos

lictos deste genero aquella sentença, que custou a vida a Julio Cesar, e que tem custado mais honras aos Principes, que sangue aos seus vassallos: *Si violandum est jus, regnandi gratia violandum est.* O que supposto, dirá o meu Contendor, que agora o quero ouvir antes a elle, que aos outros Criticos, por ser esta a ultima reposta, pois desejo, que as suas doutrinas me fiquem mais na memoria, que as dos outros sabios; se, illustrando tanto Euripedes a Tragedia com tão feas transgressoens das suas regras, devemos dizer, que a escureceo Calderon, em que se não encontra tanto descuido das suas leys?

Muito de proposito deixey de fallar expressamente na natureza das Comedias, porque a mesma propriedade dos lugares, do tempo, e das pessoas, que se requer para a Tragedia, serve para a Comedia, como os mesmos successos estranhos, e contrarios á expectação dos ouvintes: sendo só a differença da Comedia á Tragedia tratar-se nella o defeito dos particulares para dar remedio aos da Republica sem aquella desordem, e insolencia, com que a Comedia começou, e continuou algum tempo, em quanto não foy reformada pelo decreto de Alcibiades; e assim como a Tragedia tem humas occasioens de fallar com estylo Comico, que era explicado pelo focco, assim a Comedia tem outras de fallar com estylo sublime, que era significado pelo cothurno; pois tanto devem, e costumão entrar pessoas humildes na Tragedia, como illustres na Comedia, que peçãõ a distincão deste caracter. Aristofanes, e Menandro foraõ os principaes entre os Gregos, como Plauto, e Terencio entre os Latinos, e em todos estes achaõ os Criticos, que reprehender, e que imitar; e se os imitados sãõ reprehendidos, quanto mais repreh-

hen-

henfiveis feraõ os imitadores? Mas como hum destes Criticos, que he o Padre Rapen, affirma, que ninguem teve mayor genio para a Comedia, que o Hespanhol Lopo da Vega, contentome com este elogio por ser mais estimavel o que se faz ao engenho, que ao trabalho dos homens, e porque nelles naõ cabe huina inteira perfeiçaõ, e saõ mais felices os que participaõ mais do que o Ceo distribue, que do que se alcança por meyo da industria, e applicaçãõ.

Tenho acabado o meu discurso, mas só lhe falta, para que convencesse os meus ouvintes, que naõ tivesse tanto contra si a merecida authoridade de hum tal Contendor, que foy o que já temeo a facundia de Marco Tullio em huma das suas oraçoens: *Tolle mihi è causa nomen Catonis, remove, ac prætermitte auctoritatem, congregere mecum.* Justamente accommodo ao meu Contendor estas palavras naõ só em ordem ao seu merecimento taõ conhecido nesta Corte, e na de Roma, como o do mesmo Cataõ, mas tambem pela semelhança da causa. Arguia Cicero a Cataõ o demasiado rigor do seu inexoravel genio, aprendido na insensibilidade dos costumes Estoicos: arguo eu ao meu Contendor de que na critica, que faz os Authores Hespanhões, queira parecer mais discipulo da violencia de Zenon, que da suavidade das Musas. Mas se nada disto dobrar a sua natureza, naõ a que lhe deo o nascimento, que he a mais docil, mas a que lhe fez o costume dos livros Franzeces, que he a mais poderosa, voltarmehey para a justiça do meu auditorio, lembrandolhe, que Homero teve contra si a Zoilo, Socrates a Milito, Aristoteles a Aristoxenes, Pindaro a Anfimenes, Virgilio a Mevio, Cicero a Cestio, e Tito Livio a Pollio. Além de que, como diz Quintiliano, as obras assim

como tem seus Authores , tem tambem seus parciaes, e apaixonados ; e por isso resolve , fallando do perfeito Orador , e de todas as artes, a que lhe falta esta perfeição , que não póde agradar a todos. Vemos , que os Pintores , que aparentaõ tanto com os Poetas , huns pintavaõ com huma só cor no principio desta arte, outros a accrescentaraõ muito em meterem as luzes, e as sombras. Huns excederaõ no trabalho, outros na Geometria. Huns na facilidade, outros no genio, e na fortuna, de que se jactava Apelles, e todos eraõ summamente estimados. E porque não succederá o mesmo com os Poetas, se já confessamos o parentesco, que tem com os Pintores? Huns saõ melhores para conceberem, outros para exprimirem. Huns entendem, que a magestade das palavras os faz Principes da Poesia, outros, que a moderação dos termos os faz religiosos nesta arte. Huns julgaõ, que o furor exclue a madureza; outros, que em observar o decoro obrigaõ a todos a que lhe guardem respeito. Huns antepoem a gravidade, e por isso fogem da elevação, outros dizem, que sendo fogo a Poesia, por força ha de subir, e não descer. De Plauto censurado pelos Criticos disse o doutissimo Varraõ, que se as Musas fallassem pela lingua dos homens, haviaõ de fallar pela deste Poeta; e de Terencio igualmente accusado disse a singular eloquencia de Cicero, que toda a policia Romana estava compendiada nas suas obras. E porque não diremos nós de Calderon, se não o mesmo, ao menos alguma cousa, que se assemelhe a estes louvores, supposto, que estes dous Poetas tem accusadores, e patronos? E antes que ouça, que Calderon, e os Hespanhoes não saõ como Plauto, e Terencio nas Comedias, responderey, que tambem os Francezes não saõ



como Varraõ, Cicero, e os Romanos no conhecimento da Poesia, e uso das artes, para que estejamos sem appellação pelas suas sentenças. Lembremse os Francezes, e os seus sectarios, que os Hespanhoes tiveraõ tres Senecas, e hum Lucano da mesma familia, e Quintiliano, que foy o segundo mestre da Rhetorica, e que esta nação já no tempo de Cicero se distinguia das outras na cadencia, e natural para a arte Poetica. Quintiliano nos ensina, acabando aquelle seu incomparavel livro da instituicão da mocidade, que não havemos de desprezar a gloria de Aias, e Diomedes, porque não podémos merecer a de Achilles, nem a fama de Tírteo, porque não chegámos a conseguir a de Homero. Doutrina, e conselho he este, que não está menos bem aos Francezes, que aos Hespanhoes por muitas causas, que eu não pondero, pois me incliney mais ao escudo para rebater os golpes, que á espada para dar as feridas. E porque me podem dizer, que mostre eu os erros nas Tragedias de Cornelli, que tenho mostrado nas obras dos mayores Poetas, respondo, que eu não posso mostrar, que hum homem he prodigo, se elle não despende: que he temerario, se elle não briga: que he imprudente, se elle não obra: que he maldizente, se elle não falla; mas não se segue de não ser prodigo ser liberal: de não ser temerario ser valente: de não ser imprudente ser advertido: de não ser murmura-dor dizer bem de tudo; o que se segue daqui he não ter vicios, de que ser arguido, nem virtudes, de que ser louvado. Se basta para ser grande em qualquer materia carecer de vicios, como de virtudes, ou se he melhor ter alguns vicios, e mayores virtudes, supposto, que a humanidade não soffre a perfeicão, que he hum estado felicissimo, dilloha por mim a secretaria de

Apollo, donde se expediaõ as ordens, e decretos para todos os professores de letras: *Non si deve vituperare quella composicione, in cui uno, ou due errori stanno sepolti entro una gran quantita di gioie, ma ben si quella, in cui una mezza gemma e soffocata da mille spropositi;* e porque já estou temendo huma reposta semelhante á que deraõ os Espartanos aos Sameos, que como eu fizeraõ huma oraçaõ muito diffusa: *Prima sumus obliti, postrema non intelleximus, quia prima non meminimus:* Estamos esquecidos dos primeiros negocios, naõ entendemos os ultimos, porque nos naõ lembramos dos primeiros: só digo ao meu Contendor o que disse Cicero de Q. Hortensio, que lhe era mais glorioso contender com elle, que totalmente naõ ter adversario: *Cum quo certare erat gloriosius, quàm omnino adversarium non habere.*

*Na pagina 40. regr. 1. onde se lê corvos, lea-se cervos.*  
*Na pag. 47. regr. 23. os Authores, lea-se aos Authores.*

